

PREFÁCIO

Desafio e emoção. Assim posso definir o que representou escrever *O terceiro travesseiro*. Tudo começou numa sexta-feira de dezembro. Ao aceitar o convite de Marcus para um almoço, não imaginei que após tratarmos de assuntos comerciais – normalmente me reunia apenas com o pai dele – nossa conversa seguisse por caminhos tão pessoais de sua vida. Vi diante de mim uma seqüência de expressões difícil de explicar numa pessoa tão jovem. Seus olhos vermelhos diziam muito mais que suas próprias palavras.

Por meses sua história invadiu minha vida de forma irreversível, levando-me a decidir contá-la em livro. Vencido o desafio de narrar todos os fatos como exatamente aconteceram, passei a caminhar pelo campo da emoção. A obra foi o resultado de ter convivido, por alguns meses, com os verdadeiros personagens da história – capítulos inteiros foram escritos nos próprios locais dos acontecimentos.

O terceiro travesseiro fala de amor, paixão e liberdade. Reflexivo no final, acredito que sua leitura – indicada para toda a sociedade – venha a contribuir de forma positiva para o fortalecimento do respeito a que todo ser humano tem direito.

1

Agora, andando por esta rua, não consigo deixar de avaliar e refletir sobre tudo aquilo que se passou. Tantos problemas, tanta confusão, muitas mágoas, e para quê? Tenho a impressão de que, se eu tivesse agido diferente, evitado discussões e desgastes desnecessários, o resultado teria sido outro.

A vida é muito estranha, e é uma pena que o vigor físico não seja acompanhado pelo raciocínio lógico da experiência; corpo e mente têm pontos de partida diferentes:

– Cara, onde é que você está?

– Estou aqui.

– Eu sei que você está aí. Estou dizendo para você prestar atenção, vou começar a ler o texto.

Estou aqui, tentando estudar para a prova de português, mas não consigo prestar atenção na matéria. O que será que está errado? Será que tenho algum problema? Não é possível. Já sou um cara adulto, tenho 16 anos e sou normal. De qualquer forma, estes pensamentos são meus, gosto de tê-los e ninguém nunca vai saber.

É difícil prestar atenção com estes pensamentos. Eu acho o Renato um cara bonito. O que mais me atrai nele talvez seja o fato de ele ter mais pêlos do que eu.

Outro dia no ginásio, após o futebol, ficamos todos sentados na quadra descansando um pouco. Fazíamos isso com frequência, até que um dia percebi que não conseguia deixar de olhar para as suas pernas. Acho que foi aí que comecei a disfarçar uma série de coisas na vida.

2

Sentado no chão, com os joelhos dobrados, de short, meias e tênis, com pêlos cobrindo desde os tornozelos até as coxas, Renato me fazia sentir algo muito estranho. Uma sensação que não sabia explicar, muito boa, mas ao mesmo tempo muito assustadora. Eu não posso ser isso que estou pensando; nem em pensamento consigo dizer essa palavra. Aliás, acho que tudo isso é normal.

Nesse momento, as palavras dele me voltaram à cabeça:

– Tudo ok. Já estamos prontos para a prova de português na segunda-feira e, mudando de assunto, vamos à festa da Cláudia no sábado? Vai ter muita mulher e a gente pode até descolar alguma coisa.

– Fechado, Renato, passo aqui às nove da noite.

– Valeu, cara. Tchau.

Certa vez, numa roda de amigos, alguém disse que na Bíblia está escrito que Deus condena relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo. Acho tudo isso muito estranho, pois também disseram que os anjos não têm sexo. No fundo, essas leis que condenam tudo isso são de Deus ou do homem?

Entrei em casa e fui direto ao banheiro; então ouvi minha mãe:

– É você, Marcus?

– Sou eu, mãe.

– Vê se não se atrasa, a toalha já está no banheiro.

– Não vou me atrasar.

Eu não podia me atrasar, pois havia prometido à minha mãe que a levaria à festa de aniversário da Lídia.

Lídia era sua melhor amiga, e a festa seria no salão do Lions Club, onde todas elas participavam de eventos. Meu pai sempre acompanhava minha mãe em qualquer ocasião, menos em recepções no salão do Lions. Ele achava tudo muito chato.

– Marcus, não demore, não podemos nos atrasar. Sua roupa já está separada na cama.

– Mãe, mais cinco minutos e estou fechando o chuveiro.

Aliás, é no chuveiro onde me sinto mais à vontade. Lá posso pensar nas pessoas de que gosto, imaginando diversas situações, e tudo isso acompanhado de uma bela punheta. No banheiro, que é o meu lugar sagrado, só tenho de tomar cuidado para não esquecer de trancar a porta com a chave, e de não deixar cair porra no chão.

– Marcus?

– Já estou fechando o chuveiro.

Chegamos ao salão e a Lídia já nos esperava na porta:

– Ana, Marcus, ainda bem que vocês vieram. E o Giorgio, por que não veio?

– Você sabe, Lídia, do jeito que ele trabalha naquela editora, não tem vontade de sair à noite, principalmente às sextas-feiras.

– Marcus, fique à vontade, vou roubar a sua mãe por alguns minutos.

– Marcus?

Quando olhei para trás, era Beatriz, uma antiga namorada do Renato.

– Oi, Beatriz.

– Você está sozinho?

– Estou com minha mãe, eu vim apenas acompanhá-la.

– O Renato veio com vocês?

– Não, na verdade eu nem o convidei. Eu só vim por causa da minha mãe.

– Amanhã, na casa da Cláudia, vai ser superlegal; vocês irão?

– Com certeza, já combinei com o Renato.

– Marcus, o que você acha de amanhã esticarmos a noite após a festa da Cláudia? A Sônia vai estar comigo. Você não a conhece, mas ela é uma gatinha. Eu ficaria com o Renato e você, com a Sônia. O que você acha?

– Por mim tudo bem, eu topo. Agora, quanto ao Renato, vai depender...

Beatriz nem me deixou terminar de falar, e afirmou pelo Renato que, por ele, com certeza estaria tudo bem.

Acho essa menina muito arrogante. Como ela podia saber se o Renato estava a fim ou não? Eu tive vontade de mandá-la à merda e, antes que isso acontecesse, era melhor eu me mandar.

– Beatriz, eu vou até o... Já volto.

– Tá legal, gatinho.

Droga de banheiro que não tinha toalhas de papel. Droga de festa, droga de vida, droga de tudo.

Às vezes eu sentia uma vontade enorme de dizer o que pensava, o que queria, mas não, você queria ficar com a Sônia? Claro que sim, eu me sentia um grande imbecil. O que eu gostaria mesmo era de levar uma vida normal, sem mentiras, estando com a pessoa de que gosto e podendo mostrar aos outros o que realmente sentia.

Quando voltei ao salão, Beatriz estava conversando com um casal. Aproveitei para ficar de longe, apenas para observar as pessoas. Todo mundo legal, feliz, e só eu com problemas? Isso não parecia justo.

– O senhor quer uma batida?

Quando o garçom veio oferecer a batida, ao me virar, quase levei a bandeja ao chão. Eu precisava me controlar mais e sair menos de sintonia.

Disse ao garçom:

– O “senhor” está no céu!

E perguntei a ele que sabores tinha.

Ele respondeu:

– Desculpe pelo “senhor”. Temos de abacaxi, amendoim e coco.

– Quero de abacaxi, obrigado.

Achei que estava ficando louco, o garçom me chamando de senhor e eu achando o cara uma gracinha. Ele devia ter uns 20 anos mais ou menos, cabelos pretos e curtos e uma carinha de menino. Na cama, devia ser muito gostoso.

A vontade que tinha era de bater uma punheta para ele. Devia ser muito bom estar com um cara na cama, já há dois anos vinha imaginando situações assim. Nunca tive intimidade com nenhum cara, só na imaginação e na punheta.

Mais ou menos no terceiro gole da minha batida, percebi que o garçom lançava olhares estranhos para mim. Fiquei muito nervoso e mal conseguia segurar o copo na mão. O suor corria pelo meu rosto e então larguei o copo e resolvi voltar ao banheiro. Suspirei de alívio ao encostar na pia, mas, para minha surpresa, pelo espelho, o vi novamente me olhando.

– Algum problema com a batida?

– Não. Por quê?

– É que você, depois de alguns goles, veio correndo para o banheiro.

– Mas não é nada, você não precisa se preocupar. A batida estava muito boa.

Tentando acabar a conversa ali mesmo, comecei a lavar o rosto, mas ele continuou a falar:

– Desculpe se eu pareço intrometido, mas é que eu imaginei que você não estava passando bem, e por isso vim até aqui.

– Droga!

Assustado com a minha exclamação, ele perguntou:

– Eu falei alguma coisa que não devia? Se falei...

– Não, não é com você, é que não tem toalhas de papel para enxugar as mãos.

Aliviado, ele disse:

– O faxineiro deve ter esquecido. Eu vou buscar para você.

Enquanto eu esperava ele voltar com as toalhas, fiquei pensando no que estava acontecendo e cheguei à conclusão de que aquele cara só podia estar me cantando, principalmente pela forma como ele me olhava.

Não demorou muito e ele chegou.

– Aqui estão elas.

Eu ainda enxugava as mãos, quando ele disse:

– Posso perguntar o seu nome?

Respondi que era Marcus, e nem precisei perguntar o nome dele, pois, esticando a mão para me cumprimentar, ele falou:

– O meu é José Carlos.